

## Lugar Santo:

A mulher, a sacerdotisa do lar sob ótica do *Jornal Cruzeiro* em Caxias Maranhão (1950)

Jakson dos Santos Ribeiro<sup>1</sup>

**Resumo:** A centralização dos discursos em torno da figura feminina passa como uma forma de disseminar, na mentalidade social, a defesa de um ideal diante das tendências femininas de atuarem para além dos padrões aceitos, mais diretamente aos princípios religiosos. O culto mariano se processava como uma forma de preservar a moral, a defesa da virgindade que, por sua vez, estava se perdendo, como também a consolidação do ideal maternal para os lares brasileiros, ou seja, uma figura de mãe, mulher, esposa, que as mulheres deveriam seguir na sua prática cotidiana. A figura feminina, nesse sentido, é atrelada à ideia de mulher com amor maternal, uma máxima que perdura e que vai sendo naturalizada na sociedade brasileira, como uma forma de legitimar a função da mulher no seio familiar e social na qual está inserida.

**Palavras-chave:** Discurso; Mulher; Casa.

**Abstract:** The centrality of the discourses around the female figure passes as a way of disseminating in the social mentality the defense of an ideal before the feminine tendencies of acting beyond the accepted standards, more directly to the religious principles. The Marian cult was a way of preserving morality, the defense of virginity, which in turn was being lost, as well as the consolidation of the maternal ideal for Brazilian households, that is, a mother, wife, wife, Which women should follow in their daily practice. The female figure, in this sense, is linked to the idea of woman with maternal love, a maxim that endures and is being naturalized in Brazilian society as a way to legitimize the role of women in the family and social environment of which it is inserted.

**Keywords:** Speech; Woman; Home

**Holy Place: The woman, the priestess of the home under the optics of the Cruzeiro newspaper in Caxias Maranhão (1950)**

---

<sup>1</sup> Jakson dos Santos Ribeiro. Professor Assistente I da Universidade Estadual do Maranhão- CESC/UEMA. Doutorando em História Social da Amazônia - UFPA. Mestre em História Social-UFMA. Especialista em História do Maranhão -IESF. Graduado em História - UEMA. Coordenador do Grupo de Estudos de Gêneros do Maranhão- GRUGEM/UEMA. Membro Colaborador do Grupo de Estudos Surdos & Interfaces (GESI) do Instituto de Educação e Cultura do Pará (Instituto IEPA). Desenvolve pesquisa sobre História e Gênero com ênfase nas identidades constituídas acerca do gênero, masculinidades, feminilidades, Sexualidades, História e Imprensa, História e Cidade, História e Literatura, sociabilidades, festas, infância, ensino de história e prática do ensino. E-mail: [noskcajzaionnel@gmail.com](mailto:noskcajzaionnel@gmail.com)

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A ideia de ser mulher e mãe não é um discurso próprio dos espaços de atuação da Igreja, é também uma máxima que era defendida por outros espaços de poder tanto no campo da medicina como no jurídico que se apropriavam desse discurso afirmando que o verdadeiro dom da mulher era sua função maternal. “A condição materna, qualificada como inerente à natureza feminina, evocava o conceito de instinto maternal; como sagrada missão, lembrava um dom divino; e como ação patriótica, incorporava os pressupostos da nacionalidade.” (FREIRE, 2009, p. 98)

A maternidade perpassava como uma forma de legitimar o ideal mariano. O Jornal Cruzeiro constituía tais considerações como forma de invocar e reforçar o caráter maternal que apenas a mulher poderia constituir na sua personalidade. Essa característica qualificava a mulher com uma identidade singular no bojo das atribuições femininas. O modelo mariano de mulher seria a própria marca e o exemplo mais dignificante no qual as mulheres caxienses poderiam se espelhar, na sua prática como mãe e com o desempenho sublime, como vai ratificar o Cruzeiro.

Se não, dissei-nos, o que de maior e mais sublime existe da História do que Maria Santíssima e Jesus Cristo. [...]

O que de mais estreito podemos imaginar, do que aquela união de Mãe, e Sumo Sacerdote, numa humilde casinha de Nazaré? Deus mesmo não se dispensou de ser tratado, alimentado, servido, acarinhado por uma Mãe. E Cristo é o Sumo Sacerdote, o protótipo de todos os seus ministros do altar. E Não será Nossa Senhora o protótipo de todas as mães? Não deveriam nossas mães ambicionar [...] Por que não se interessariam nossas Mães pelo título máximo sublime, que podem alcançar nessa terra? (CRUZEIRO, 26 de mai. de 1957 n.º. 926. Ano XXIII, p. 02)

As práticas de Maria como mãe eram exaltadas no discurso do semanário católico, como uma forma de despertar as mulheres para seus reais papéis de mãe e esposa, defendidos tradicionalmente pelos discursos e representações construídas sob a figura feminina. O jornal, ao trazer à tona as qualidades marianas para a sociedade caxiense, ficava pautado em exemplos sagrados, para mostrar como as mulheres deveriam sentir e comportar-se como mães, logo porque o modelo proposto, na visão de jornal, era de um ser envolvido e subjetivado de qualidades positivas.

A identidade de mãe é moldada e estigmatizada como a função mais relevante na sociedade em que ela (mulher) está vivendo. A sociedade não conseguia desassociar dessa imagem sobre a mulher como a mãe e esposa.

Desse modo, para análise do discurso do Cruzeiro recorri às considerações de Foucault em *A Ordem do Discurso* (2009), obra na qual o autor nos coloca que os discursos estão para ordem das coisas, eles exercem controle e procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se tratasse de submeter a uma dimensão do discurso. (FOUCAULT, 2009). O gênero no caso é subjetivado conforme os interesses da igreja, ou seja, em modelos que pudessem exemplificar a melhor forma de ser homem e ser mulher no presente recorte temporal.

Sobre a ideia de gênero, recorri às considerações de Joan Scott em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995) e às de Andréa Lisly Gonçalves, em *História e Gênero* (2006), obras que vão nos colocar que a natureza relacional da construção das definições de feminino e masculino é apontada nos discursos sobre a égide de interesses, que tais discursos são muitas vezes legitimados por homens e mulheres de forma desigual e inata, e que as diferenças entre o feminino e o masculino foram socialmente construídas.

Para Scott, em caso particular, ela nos aponta que a teorização do gênero é desenvolvida como uma forma primária de dar significado às relações de poder. O gênero não é um único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs. (SCOTT, v.15, n.2 jul./dez.1990, p. 88)

Ao que se refere à história das mulheres, busquei respaldo em Michelle Perrot em *As mulheres ou silêncio da história* (2005) e, da mesma autora, *Os excluídos da história* (2006); Gilles Lipovetsky *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino* (2000); Pedro Vilarinho Castelo Branco *Mulheres Plurais* (2005) e Maria Martha de Luna Freire, *Mulheres, mães e médicos* (2009).

Desse modo, vamos perceber que a identidade é na verdade relacional e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades. A identidade, portanto, é formada através de processos inconscientes, e não algo inato existente na consciência no momento do nascimento, como o Cruzeiro procurava codificar em seus discursos em relação à condição de homens e mulheres.

Nessa perspectiva, o objetivo desta pesquisa é analisar como o jornal concebe a ideia de ser mulher, como é representada a função da mulher na sociedade. Dessa forma, o Cruzeiro

vai ratificar que a mulher caxiense deveria seguir o modelo santo de mulher que foi Maria, mãe de Jesus, pois era o destino de todas as mulheres, independente da classe social da qual elas pertenciam.

## 2. FONTE DOS DISCURSOS: O JORNAL CRUZEIRO

O jornal *Cruzeiro*, fundado em 1933, pertencia aos paroquianos da cidade de Caxias, situada no interior do Maranhão. Sua circulação, segundo nossas pesquisas, foi até a década de 1960. São perceptíveis, nos discursos do *Cruzeiro*, dois aspectos fortes no que diz respeito à sua orientação editorial: primeiro a ideologia da Igreja Católica, e segundo as perspectivas relacionadas ao poder temporal, nesse caso os preceitos do Estado nesse contexto.

O jornal pertencia ao grupo de religiosos católicos de Caxias na época. Os seus primeiros diretores foram os paroquianos Vicente Celestino<sup>2</sup> e Leôncio Magno<sup>3</sup>, como também os clérigos Joaquim de Jesus Dourado e Gilberto Barbosa.<sup>4</sup> O jornal emerge no cenário caxiense como uma imprensa que teria grande influência na sociedade, pois o principal jornal, até então, o *Jornal do Comércio* que era dirigido pela família Teixeira, deixara de circular havia 30 anos.<sup>5</sup>

Apesar disso, o jornal *Cruzeiro*, em seus primeiros anos, não era o único periódico a trazer informações sobre o cotidiano caxiense, notícias do Maranhão, do país e do mundo. Até o ano de 1939, havia também os jornais *Voz do Povo*, *O Singular*, *O Sabiá* e *O Trabalho* disputando o mesmo espaço. Apenas nos anos de 1940, o jornal *Cruzeiro* torna-se, segundo dados colhidos, o único periódico informativo de Caxias naquele momento até os anos de 1950, quando começam a circular novos periódicos.

No início de sua distribuição, em 1931 ou 1933, o *Cruzeiro* era editado apenas aos sábados, assim como os outros jornais que citamos anteriormente, a saber, *Jornal do Comércio*, *Voz do Povo*, *O Singular*, *O Sabiá* e *O Trabalho*. Desde o início, o jornal *Cruzeiro*

---

<sup>2</sup> Não encontramos informações sobre o sujeito apresentado. O que temos até agora mostra apenas que ele foi um paroquiano que ajudou na constituição do jornal *Cruzeiro*.

<sup>3</sup> “Leôncio Magno d’Oliveira, o Prof. Leôncio, um cearense de Fortaleza, que tinha de 40 a 45 anos quando chegou à Caxias, solteiro, de modos simples, tão moderado que mais parecia um Padre sem hábito”. ANTUNES, José. *Reminiscências do século XX: em outros tempos de Caxias*. Rio de Janeiro: s.n., 2001, pp. 116-117.

<sup>4</sup> Segundo Antunes, “o Padre Gilberto Barbosa foi o patrono e fundador do jornal *Cruzeiro*”. Cf. *Ibid.*, p. 200. Até o dado momento da pesquisa, não conseguimos agregar na nossa abordagem mais elementos que nos orientassem a ter mais informações acerca do padre em questão.

<sup>5</sup> Cf. *Ibid.*, p. 109.

era constituído por quatro páginas em um formato que se manteve até 1940, quando a quantidade de páginas aumentou, oscilando entre cinco, seis, sete e até oito páginas.

Na década de 1940, o jornal começa a apresentar, em sua primeira página, dados informativos sobre assinaturas, e a mencionar o diretor do jornal, que na ocasião era o Professor Leôncio Magno. O que notamos é que o jornal se organizava da seguinte forma no que diz respeito ao valor das assinaturas: trimestral, Cr. \$ 8.00; semestral, Cr, \$ 12.00; anual, Cr. \$ 20.00.

Os valores também variavam para anúncios, por exemplo, uma coluna na primeira página do *Cruzeiro* custava Cr. \$ 1.50, já nas páginas seguintes o custo era de Cr. \$ 1.00. Todos os interessados que desejassem fazer qualquer anúncio, no periódico religioso, deveriam falar com o seu diretor.

A pesquisa se justifica por trabalhar com um recorte temporal pouco abordado pela historiografia local, como também por ser uma temática timidamente discutida em uma ótica nacional. Desse modo, torna-se um aspecto relevante para historicizarmos, e trazermos à tona como uma discussão pertinente a análise sobre o sentido dado à função da mulher dentro das relações de gênero na cidade de Caxias.

Um dado interessante que engendra nessa perspectiva é o seu *lugar social*, ou seja, os discursos que foram ecoados pelo jornal o *Cruzeiro* são carregados de valores e desejos desse lugar de onde o discurso é produzido. Nesse sentido, é válido ressaltar que as pessoas pertencentes ao grupo de redatores faziam parte, em sua maioria, da elite caxiense na época, e a outra parte de “filhos da igreja”<sup>6</sup> com autoridade religiosa para falar em um meio impresso de cunho informativo.

Segundo Caes (1995), uma das estratégias elaboradas pela igreja foi a preparação de um discurso doutrinal<sup>7</sup> que tivesse uma amplitude muito maior que os sermões proferidos durante as missas. Nessa ótica, os discursos do *Cruzeiro* buscavam cobrir todos os aspectos da vida das pessoas, tanto no que se refere aos aspectos pessoais quanto aos sociais das pessoas da cidade na época. Tendo assim olhos para que pudesse autoavaliar sempre em relação aos padrões de comportamento instituídos pela igreja, como os modelos a serem seguidos pelo grupo social caxiense. Seria então a ideia de disciplinamento social dos caxienses.

---

<sup>6</sup> Expressão utilizada para fazer referência aos padres que faziam parte da redação do jornal o *Cruzeiro*.

<sup>7</sup> CAES, André Luiz. Da espiritualidade familiar ao espírito cívico: a família nas estratégias de reestruturação da igreja (1890-1930). 1995 Dissertações (Mestrado) – UNICAMP, Campinas, 1995.

Sob a égide de ser a “fonte da verdade”, “fonte sagrada”, os discursos do periódico religioso impunham suas vontades sociais em relação aos comportamentos de homens, mulheres, jovens e crianças. As palavras eram carregadas de poder, com a vontade de abarcar toda a população. A junção das palavras formava textos que produziam sentidos, que tinham a ideia de heterogeneidade discursiva, como forma de controlar os indivíduos, dar a última palavra, deter a dispersão<sup>8</sup>, controlar, normatizar os sujeitos, os caxienses.

Nesse sentido, a evidência que nos propomos a construir, acerca dos documentos históricos, é que eles não se configuram como uma fidelidade da realidade da qual eles pertencem, e nem podem ocupar o status de únicos na representação das relações de gêneros, mas dentre um dos que podem nos colocar concepções de um dado grupo ou de um lugar social.

As concepções dos discursos do Cruzeiro para os cidadãos caxienses se passam como modelos propostos para que fossem aplicados em uma engenharia, que procurasse codificar sentidos com as representações discursivas, nas suas páginas, como uma forma de introduzir no jogo das invenções da qual o imaginário coletivo participa, e a partir daí produz suas próprias representações de uma matriz geradora.

### **3. MULHER E CULTO MARIANO**

No Brasil, essa percepção sobre o feminino também se efetivou, nessa ótica dualista de identidades femininas, a imagem da mulher se configurou entre a puta e a santa. Uma representação que corresponde às imagens de Eva e Maria. Tal divinização da imagem da mulher vigora no Brasil, principalmente na primeira metade do século XX, com as mudanças que estavam ocorrendo no bojo das identidades de gênero. E isso tanto no âmbito da identidade do homem como da mulher.

A centralização dos discursos em torno da figura feminina passa como uma forma de disseminar, na mentalidade social, a defesa de um ideal diante das tendências femininas de atuarem para além dos padrões aceitos, mas diretamente aos princípios religiosos. O culto mariano se processava como uma forma de preservar a moral, a defesa da virgindade que, por sua vez, estava se perdendo, como também a consolidação do ideal maternal para os lares brasileiros, ou seja, uma figura de mãe, mulher, esposa, que as mulheres deveriam seguir na sua prática cotidiana.

---

<sup>8</sup> FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogos: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 53.

A figura feminina, nesse sentido, é atrelada a ideia de mulher com amor maternal, uma máxima que perdura e que vai sendo naturalizada na sociedade brasileira, como uma forma de legitimar a função da mulher no seio familiar e social, na qual está inserida.

No fim do século XVIII, o amor materno parece um conceito novo. Não se ignora que esse sentimento existiu em todos os tempos, se não todo o tempo e em toda parte [...] Mas o que é novo, em relação aos dois séculos precedentes, é a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e a sociedade. (BANDINTER, 1985, pp. 145-146).

O discurso naturalizador que se constrói acerca do amor materno, que era intrinsecamente próprio da mulher, limitava-se apenas a essas funções. Nesse desenrolar, o desejo de exercer outras funções não seria visto com bons olhos para a outra parcela da sociedade.

Ao legitimar o culto marianismo, na dita modernidade que se intensificava, a mulher se torna um mártir nesse contexto. O sexo feminino no discurso religioso vai sendo representado como Maria para que pudesse combater os modelos desviantes de muitas mulheres. Dessa forma, os discursos se projetavam nas práticas da mulher que deveria aceitar a sua função maternal, pois era do instinto feminino sacrificar-se pelos filhos, marido e o lar, e, por sua vez, aproximar-se do exemplo de Maria.

A figura da prostituta é nesse ponto bastante relevante, pois enquanto a mulher-prostituta transgredia o modelo ideal, os religiosos, principalmente, ganhavam força para construir o padrão mariano na sociedade brasileira. A prostituta era assim idealizada como “mulher anormal”, “delinquente nata”. Para os médicos, a “mulher normal” tem baixa necessidade sexual, pois seu instinto materno a leva a fazer sexo apenas para procriar. A prostituição é vista como uma alteração do “quadro normal” da mulher (RAGO, 1991, p.322).

Os discursos que se formam em volta do gênero feminino projetavam sua funcionalidade social a ideia de ser mãe, esposa, dona de casa, sacerdotisa do lar, ou seja, todas as atividades da casa deveriam girar em torno dela, por isso que era impossível perceber o lar sem sua força reguladora. As representações que construíram esse perfil de mulher foram respaldando o ser feminino, afirmando-o como o único ser capaz de dar visibilidade aos problemas da casa, como também as faltas que devem ser compensadas.

Os discursos afirmam que a mulher, sob o jugo de manter sua família feliz, deveria sofrer para que ela não viesse a ter nenhuma falta. E mesmo quando seu reconhecimento não é

feito devidamente não importaria para ela, pois o que iria valer é a felicidade da sua família, em especial a dos seus filhos.

A função da mulher é pensada assim durante todo o século XIX, e tal pensamento vai sendo ratificado ao longo de todo século XX, mesmo com as fortes discussões que aconteciam nos movimentos feministas, que emergiam com intensidade na década de 1960 (NUNES, 2000). Estes movimentos discutiam a função feminina no lar e na sociedade em todos os aspectos do que seria ser mulher, ou melhor, o discurso sobre sua função como mulher, que ainda perpassava com representações arraigadas em amarras biológicas sobre a mulher e o homem.

A mulher deveria manter a todo custo à ordem de sua família, um dado que fazia com que seu lado maternal desabrochasse para o bom desenvolvimento da sua personalidade como mãe-mulher-esposa. Nessa perspectiva, o sexo feminino deveria agir com sapiência na sua lida com o lar, e ao longo desse cotidiano familiar deveria ter em mente que as coisas desagradáveis que acontecessem no seu dia a dia faziam parte do convívio e deveria, assim, aprender e aceitar essa condição. Uma visão que buscava dar forma, moldura, à personalidade de uma boa mãe.

O catolicismo, diante das mudanças que emergiam em relação ao comportamento feminino e da função da mulher na sociedade, desenhava na teia social um modelo que fortalecia o padrão a ser seguido. Um modelo que pudesse assegurar a continuidade dos preceitos religiosos e morais na sociedade e na família.

Segundo Ribas (2005), o clero católico buscou lançar mão de uma representação que reafirmasse o papel da mulher, mas relacionada a um conceito religioso, pois dessa forma as representações da mulher-mãe-esposa iriam ser solidificadas e teriam mais receptividade por parte das mulheres. Além de apaziguar o desejo de aderir aos movimentos feministas, que eram vistos pela Igreja como um processo de desestruturação das formas naturalizadas dos papéis dos sujeitos.

A representação da mulher como a Mãe-Maria é arraigada nos discursos ecoados pelos quatro cantos de uma cidadela masculinizada. E como bem afirma Foucault “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes,” (FOUCAULT, 2009, p.09), ou seja, no caso da mulher, esses discursos ditos sobre a função feminina seriam uma maneira de apontar-lhe o padrão que deveria seguir como mulher, o que, por sua vez, demandaria a ela uma carga da materialidade. A determinação desse laço



maternal, como o único destino a ser seguido, transformava a mulher na escrava das atividades do lar e impossibilitava o seu caminhar, ou melhor, a possibilidade de desempenhar outras funções, pois “as portas seriam fechadas”.

A “destinação” da mulher ao ambiente da casa passava como uma predestinação que, sobre a égide dessa afirmação, cristalizava uma forma de perceber a mulher como um ser materno e que possui as qualidades específicas para as atividades domésticas, como para o lado maternal. O lugar da mulher, dessa forma, foi sendo cristalizado, pincelado na casa como uma forma de arquitetar na sociedade um equilíbrio social.

O sexo feminino é vigiado pelo discurso religioso que construía um arquétipo santo para atuarem como perfil a ser seguido pela mulher nos espaços em que ela tem sua participação, diga-se de passagem, poucos lugares, nesse recorte temporal em que nossa análise se debruça. Porém, é válido ressaltar que a imagem da mulher, nesse caso ligada aos espaços públicos, não ganhava uma conotação positiva na sociedade brasileira nessa época.

Na percepção social do início do século XX, o sexo feminino nasceu para ocupar apenas a esfera privada, onde o silêncio, o conforto e as tarefas domésticas são suas obrigações. Ser mulher estava relacionado ao espaço do lar, como âmbito privado, uma identificação que está relacionada à mulher. Como bem afirma Rago (2004), ser do sexo feminino significava identificar-se com a maternidade e a esfera do lar, sonhar com um ‘bom partido’ para o casamento indissolúvel e afeiçoar-se a atividades leves e delicadas, pois não possui intelecto muito elevado para lidar com atividades que exigisse muito esforço mental. Uma mentalidade que se encontrava forte nas primeiras décadas, e principalmente nos anos de 40 e 50, em que as participações femininas em alguns espaços públicos se configuraram mais presentes.

Esse imaginário social, ainda arraigado aos oitocentos, permeava nos meandros da sociedade no século XX, com muita significação, atribuindo como desejos intensos do sexo feminino de ser mulher, de ser e vir a se tornar a mais bela mãe, a mulher completamente realizada com a sua família. Mas devemos ressaltar que este desejo característico do sexo naquele momento ainda pode ser perceptível nos dias atuais. Isso na visão histórica denomina-se das chamadas permanências no bojo social.

#### **4. A FONTE, O LUGAR E A MULHER**

*Um lar não é apenas o significado de quatro paredes cobertas onde duas criaturas que se entrelaçaram para que seus*

*destinos fossem um só, vivam, sofram e construam [...].*  
*(JORNAL CRUZEIRO, 1955, p, 03)*

Na década de 50 do século XX, com o capitalismo se fazendo cada vez mais presente no país, o mercado de trabalho abriu as portas para o público feminino. Mas o pensamento tradicional acerca da função da mulher ainda estava bastante arraigado no imaginário social, tendo em vista que existiam discursos, como o religioso e o do próprio médico, que reforçavam o lugar da mulher não era no espaço público, mas no privado.

[...] as mulheres ainda eram vistas prioritariamente como donas de casa e mães, a ideia da incompatibilidade entre o casamento e a vida profissional tinha grande força no imaginário social. Um dos principais argumentos dos que viam com ressalvas o trabalho feminino era o de que, trabalhando, a mulher deixaria de lado seus afazeres domésticos e suas atenções e cuidados para com o marido: ameaças não só à organização doméstica como também à estabilidade do matrimônio. (BASSANEZI, 2008, p. 624).

Os discursos, de cunho machista, alegavam que o lugar da mulher era o lar, pois o desejo de viver como um homem não caberia a ela, pelo fato que durante todo o tempo de sua vida, a mulher fora educada para cuidar da família e do lar.

A mulher no lar, na casa, garantia a harmonia e a felicidade do núcleo familiar. Outro aspecto alegado pelos discursos da época seria a perda da feminilidade e dos “privilégios” que haviam conseguido com o seu casamento, no caso a proteção do marido e a garantia de seu sustento, e tudo que o homem deveria oferecer a ela quando se casassem.

O modelo de mulher que deveria prevalecer na sociedade, que aceitasse sua condição feminina, seria atrelado ao espaço do lar. A mulher moderna seria então aquela que preservasse a moral cristã e os princípios religiosos. Essa representação era, em demasia, propagada nos anúncios publicitários, voltados para a mulher, que traziam imagens que reforçavam o ideal de mulher, ou seja, a esposa, dona de casa e mãe, um ideal defendido também pelas instituições, como a Igreja.

O semanário católico, como meio informativo, era defensor desse ideal de mulher, a dona de casa que aceitava o seu destino de doméstica, rainha do lar. Com isso, além dos discursos, o jornal trazia para sociedade caxiense, em suas páginas, imagens de uma mulher feliz cumprindo as tarefas domésticas. O anúncio é referente a uma máquina de costura que reforçava a ideia de que o trabalho era uma função feminina, mas em casa, unindo o seu amor e a dedicação para com as atividades do lar.

Figura I:



**Fonte:** Caxias, (Maranhão) Domingo, 03 de agosto de 1958 Num. 970, Ano XXIV

O jornal religioso, além de representar em suas páginas com a utilização de imagens, para alicerçar a ideia de senhora do lar, de mulheres felizes com as tarefas domésticas, trazia também propagandas em forma de textos que chamavam a atenção para os utensílios que uma boa dona de casa deveria possuir no lar.

O jornal chama a atenção da senhora dona de casa, para que ela pudesse cercar-se de utensílios domésticos, pois iria valorizar sua função de dona de casa como também mostrar sua preocupação com o espaço doméstico. A propaganda também evidencia as promoções que a loja em destaque estava fazendo, como forma de mostrar que as mulheres deveriam saber de uma matemática financeira doméstica nos gastos que iriam realizar com as compras.

### **A's Senhoras Donas de Casa !...**

**A CASA OLIMPIA** recebeu um novo sortimento e está vendendo pelos menores preços um grande estoque de artigos de louça esmaltadas e não esmaltadas e, como sejam: Pratos, Tijelas, Chicaras, Terrinas, pratinhos pa sobremesa de diferentes tipos. Bules esmaltados e de alumínio Caçarolas, papeiros, ferveedores para leite, frigideiras, copos e canecos de lamenhos sortidos farinheiros, açucareros, chaleiras, forminhas para bolinhos, empadas. Pratinhos para bolos e fruteiras. Licoreiros, saladeiras e diversos outros artigos de utilidade no uso domestico, chegando recentemente. (JORNAL CRUZEIRO, 1948, p.04)

O discurso do jornal o Cruzeiro invoca um poder simbólico ao lar, como forma de significá-lo como *locus* de atuação feminina. Uma tática discursiva que sentimentaliza o espaço do lar, casa, como lugar sagrado em que apenas a mulher poderia guardá-lo. Isso na ótica de atuação cotidiana. O discurso, assim santificando o lar, coloca a regência do mesmo apenas como uma dádiva do sexo feminino, pois ela, ao absorver os princípios marianos de doar e sempre acolher os filhos, saberia cuidar com tamanha maestria desse espaço santo.

[...] uma nova cultura põe num pedestal as tarefas femininas outrora relegadas à sombra, idealiza a esposa-mae-dona-de-casa que dedica sua vida aos filhos e à felicidade da família. A mulher já não tem apenas, como no passado, de cuidar entre outras atividades, dos trabalhos domésticos: de agora em diante, deve consagrar-se a eles de corpo alma, a exemplo de uma sacerdotisa. (LYPOVETSKY, 2000, p. 208).

A mulher no lar, na casa, garantia a harmonia e a felicidade do núcleo familiar. Dessa forma, o modelo de mulher que deveria prevalecer na sociedade, e que era pregado pela sociedade caxiense e reforçado pelo discurso do jornal Cruzeiro, seria a mulher que não almejasse ficar no âmbito privado, mas que desejasse ser feliz no casamento e no lar.

Em meio a esse contexto, a mulher torna-se fonte reguladora do ambiente familiar. Sem a figura feminina, esse ambiente estaria condenado ao fracasso, pois dependia dela (mulher) a paz da família e da sociedade. O lar, segundo o Cruzeiro, “[...] é a pátria pequenina para cuja defesa assim além dos limites da grande pátria comum, que é também o lar comum do povo” (JORNAL CRUZEIRO, 1955, p. 03).

O lar é esse ambiente que se constrói a partir de uma representação e passa pelo discurso do jornal como *locus* de consagração de vida e respeito. Segundo o jornal Cruzeiro, o lar, para conquistar tal status, deveria ter sua estrutura formada com todos os quesitos como um pai trabalhador, a mãe completamente dedicada a sua família e os filhos inspirados a serem filhos iguais a Jesus Cristo.

O destino da mulher é, então, cuidar da família, um ato primordial que alavanca pesadas representações dessa forma de perceber a função do sexo feminino na sociedade. Cabe-lhe conservar os traços de uma família sagrada e isso passava pela sua fixação no espaço privado, na sua aceitação de dona de casa, mãe, mulher e esposa.

O seu papel na construção da nação passaria exatamente pelo lar, que assegurava a harmonia celular de uma sociedade, pela maternidade e pelo matrimônio. A mulher asseguraria assim a realização do ser feminino em completude (LUZ, 1982). O discurso voltado para

legitimar a mulher, no espaço do lar, processava-se pela emergência de espaços, que estavam influenciando o sexo feminino a visitar os espaços públicos para além dos quatro cantos da casa.

A sociedade inicia um processo de conceituação da mulher como a reguladora da família e regeneradora dos atos desenfreados de seus maridos. Nessa ótica, a mulher é comparada diuturnamente à Maria, a “mulher de imenso amor”, que desbrava as fronteiras do impossível para que seus filhos e seu lar estivessem em perfeita harmonia. A concepção de que a mulher tinha um importante papel a desempenhar na sociedade, por meio de sua casa, era nutrida pela ideia de sua influência como educadora de seus filhos. A pessoa responsável pela “geração do futuro” naquela época.

A mulher deveria se perceber como missionária regeneradora do lar, um medo existente nos discursos do jornal O Cruzeiro de que as mulheres não se percebessem como tal, pelo fato de tantas mudanças que estavam emergindo em relação ao gênero, homem e mulher, e principalmente com a mulher, por isso um cuidado em preservar os ideais marianos, de feminilidade principalmente afim de que ela não pudesse virilizar-se e dessa forma perder desviantar-se do seu destino de mãe, mulher e esposa fiel.

É válido ressaltar que o intenso discurso para criar um modelo de perfeição de mulher, principalmente pela igreja, dava-se pela visibilidade, nesse período, de expressiva quantidade de mulheres nos espaços públicos.

Dessa forma, a medicina social, que desde o início do século XX se intensificava por vários espaços em que o estado se fazia presente, como através dos jornais, seja eles de cunho religioso ou não, buscava operacionalizar com suas orientações medidas que pudessem normatizar a família, a mulher, conforme o que esse discurso salientava como “correto”. Dessa forma, a mulher seria essa via de entrada na família, pois ela tinha todas as características para cuidar da família.

O discurso médico insistia na necessidade de fiscalizar os lares em relação a sua higienização e cabia à mulher esta responsabilidade. Ela seria a responsável pela saúde da família, principalmente das crianças. Neste ínterim, a educação feminina torna-se fundamental para a medicina, pois, além de ser um agente familiar da higiene social ela deveria ensinar as normas médico-sanitaristas para as suas filhas. (NASCIMENTO, 2006, p. 83)

O lar deveria ser para mulher um lugar de dedicação e disciplina. A aceitação dela seria o mais indicado para que pudesse dar respaldo ao discurso da boa mulher dona de casa, como também ao propósito de normatização que estava sendo pregado na sociedade. O seu

movimento neste espaço deveria ser embalado pelos desejos de proporcionar o bem estar para seus filhos, maridos e agregados, se tiver sempre com o intuito de proporcionar-lhe a paz na sua casa.

Esse ambiente, segundo o discurso do semanário católico, era *locus* para que as pessoas se sentissem felizes, e quem deveria proporcionar tal felicidade era a mulher. Por exemplo, em torno da criança, um dos alvos de preocupação do Cruzeiro, havia a representação do futuro do amanhã. E a mãe no espaço do lar seria garantia desse futuro.

Segundo o Cruzeiro:

[...] para que a perpetuação da espécie se verifique dentro do sentimento da família, torna-se necessário que os responsáveis pelo lar dêem aos filhos os exemplos que serão as retas pelas quais guiarão o seu futuro. Todo conforto que uma casa possa apresentar, no sentido das conquistas modernas do que chamam felicidade, deixará de existir se aqueles que habitam não a transformarem numa gaiola livre, onde pássaros implumes possam chorar e possam pedir e possam esperar...[...]. (JORNAL CRUZEIRO, 1955, p. 01).

Nessa perspectiva, a ela cabia a função de ensinar-lhes o amor pelo solo pátrio. Prepará-las para essa missão patriótica que deveria ser um dos passos importantes para o futuro da nação. Segundo Castelo Branco (2005), as mulheres que não cumprissem dignamente suas funções maternas eram vistas com maus olhos pela sociedade que estava sempre pronta a observar, julgar e condenar comportamentos ilícitos que fossem de encontro aos rígidos padrões morais (CASTELO BRANCO, 2005, p. 132).

O semanário católico explicita essa condição maternal, que toda mulher deveria ter para sua família e isso deveria refletir no lar, pois amor e dedicação são características dela. Segundo o periódico, as mulheres ao longo da vida trazem esses sentimentos na sua genética. E esse aspecto nos remete às considerações de Nunes (2000), ao abordar que o discurso biológico vai caracterizar essa condição e predisposição para a maternidade e para a vida doméstica.

A educação, mais uma vez, era apontada como caráter seletivo, mostrando-se bem mais funcional. Já não era visto como interessante à mulher saber tocar piano, ou saber falar outras línguas, o mais relevante era desempenhar seu papel de esposa, mãe e dona de casa com propriedade, sendo laboriosa, realizando as atividades do lar e obedecendo a seu marido em tudo que ele pedisse. Desse modo Duarte (2010) afirma:

A mulher era responsável pela educação dos filhos em casa e encarregada também de intermediar a relação entre pai e filho. O bom relacionamento

entre eles era considerado uma das atribuições da boa esposa. Ela tinha que fermentar o amor entre pai e filhos e fazer com que os filhos vissem o pai sempre com admiração e respeito. Sendo importante, que os filhos tivessem o pai como exemplo dos bons costumes. (DUARTE, 2010, p. 46).

Também era importante a preocupação com seu futuro no momento da sua escolha pelo noivo, levando em consideração sua educação cristã e seus hábitos de “moça de família”. O trabalho doméstico é a forma essencial das atribuições da mulher. O lavar, passar, limpar a casa e remendar as roupas são serviços que traduzem, como um dever essencialmente feminino, discursos que entre um compasso e outro se reportam à mulher.

“O trabalho doméstico distingue-se dos outros trabalhos numa sociedade por ser autocontrole e por ser privado [...] o papel da mulher na família. A casa o lugar do trabalho [...] (PENA, 1981, p. 73.). Um discurso bem presente na sociedade brasileira nas primeiras décadas e que o jornal O Cruzeiro, na sua idealização para com a mulher, traduz o seu desejo de como a mulher deveria ser na sociedade caxiense.

Segundo Perrot (2005), a maternidade é uma fonte de identidade em que sua luz é fundamental para o chamado equilíbrio social que a mulher, ou melhor, que apenas a mulher pode proporcionar à sociedade. O discurso do jornal O Cruzeiro age em normatizar os gêneros em todos os aspectos tanto no plano espiritual quanto no poder material, como forma de manter consonância à ação do Estado, que por sua vez, objetiva na formação de modelos ordenados e normatizados, formando assim uma “sociedade perfeita”.

Somando-se a essas prerrogativas, a mulher, que não correspondesse aos padrões da boa mulher e não vivesse para o lar e subsequentemente para a sua família, estaria relegada a ganhar estereótipos negativos na sociedade e, por sua vez, características masculinas.

Nessa perspectiva, o discurso do Cruzeiro se alinha às considerações de Nunes (2000), ao nos colocar que a mulher aparece como a grande solapadora do pacto civilizatório, pois sua natureza estaria destinada a ser a defensora dos bons costumes e da moral, como também o polo de segurança da sociedade, porque a imagem inspiradora tinha essas características de mulher e mãe, no caso a Maria.

O discurso do semanário católico nutriu pelo ideal de mulher à imagem de Maria como sendo o único meio de manter a ordem no espaço de casa e na sociedade. Para o jornal O Cruzeiro, o ideal de mãe-esposa tinha que estar junto para que nem a família e nem o marido pudessem sentir a falta do “anjo do lar”.

O modelo mariano de castidade, pureza e bondade – teve forte influência na construção do gênero feminino no Ocidente. No caso da sociedade inglesa do Séc. XIX, Maria também passa a ser a imagem de mulher ideal, que se mantém em casa e não participa das atividades mundanas. Neste contexto, a imagem de Maria passa a encarar os exemplos de esposa e mãe, uma vez que a visão vitoriana de esposa é de uma mãe submissa. (PODIAN, 2000, 34).

Dessa maneira, para o *Cruzeiro*, o ideal era que as mulheres caxienses tivessem a “Mãe de Jesus Cristo” como exemplo a ser seguido em seu cotidiano, que elas assumissem esses princípios na sua prática como mães. E as mulheres que almejavam vivenciar a dinâmica do mundo público, deveriam estar conscientes que o papel de mãe deveria ser seguido com muita dedicação, pois a regularidade social partia, quase que exclusivamente, das mãos femininas, do papel da mãe-mulher-esposa, para que a ordem social não desandasse por completo.

A fraqueza, a sensibilidade, a doçura, a castidade, o recato e a submissão eram considerados virtudes essenciais ao sexo feminino. O discurso médico representava a maternidade como uma função natural que enaltecia a mulher além de desenvolver seus sentimentos maternais tão importantes para a família e para a sociedade. Qualquer atividade feminina que não fosse a de mãe e esposa era vista como desviante.

Os médicos condenavam o trabalho externo das mulheres que era visto como um desperdício das energias femininas, nocivo à moralidade, empecilho para as funções maternais, responsáveis pela mortalidade infantil e pelas desordens sociais. O homem era o oposto da mulher. Ele deveria ser racional, autoritário, era considerado menos propenso ao amor e inclinado para o desejo puramente sexual. Ao afirmar que o homem por ser forte, agressivo e inteligente conferiu o desenvolvimento da civilização urbana, enquanto a mulher, por sua natureza passiva e fecunda, deveria perpetuar esta civilização por meio da maternidade, o discurso médico legitimava a dominação masculina sobre a mulher. Por ser considerada biologicamente predestinada, a maternidade tornava-se uma obrigação e a representação feminina concentrava-se na valorização da sensibilidade, da devoção e da submissão, em detrimento das capacidades intelectuais. (NASCIMENTO, 2006, p. 84)

O semanário católico o *Cruzeiro*, nesse sentido, corporifica nos seus discursos a função da mulher, e nesse caso é enfático quanto ao papel da mulher na família, reportando-se a ela como o alicerce da estrutura social que representava o lar. A formação da mulher, ou melhor, da identidade da mulher cristã pregada nos artigos do *Cruzeiro* que salientavam com base nas virtudes da família sagrada e do modelo de mulher que Maria representou, seria um padrão para que mulher caxiense pudesse seguir, pois tinha um modelo com virtudes práticas para entender o papel feminino na família e na sociedade.



Sob o ponto de vista da parte conservadora da imprensa, o lar era considerado o *reino da mulher*. Nele, a mulher governava soberana. Era dela, como já dissemos, toda a responsabilidade: cumpria o papel social de esposa e mãe, era responsável pela educação inicial dos filhos. Nenhuma mulher seria plenamente feliz se não honrasse seu título, diziam muitos em suas publicações. Este argumento era largamente usado por aqueles que não concebiam a inserção da mulher no espaço público. (NASCIMENTO, 2006. p. 89).

A matriz de referência, ao longo dos anos, passava a se multiplicar nos discursos normatizadores, em relação à funcionalidade feminina na sociedade, pois sua participação nos espaços públicos se fazia cada vez mais presente. O jornal se posicionava bastante preocupado em relação ao desempenho feminino no lar, como também a própria perda da identidade feminina com essas novas atribuições que ela ocupava, principalmente se nos debruçarmos sobre as chamadas pipiras das fábricas caxienses, que se corporificam em dois espaços de atuação, o da fábrica e o espaço da casa.

Sob essa prática, o Cruzeiro salientava que essas mães poderiam ocasionar danos a sua família, e principalmente aos filhos considerados pelo periódico religioso como o “futuro do amanhã”, como bem mencionamos no item anterior, sobre a funcionalidade da criança no bojo social.

Dessa maneira, o Cruzeiro apontava sempre conselhos para as mães, principalmente, pois para o jornal era uma forma de disciplinar as relações domésticas entre as mães, como também entre os filhos, e também dessa vida agrilhoada, que estava se corporificando no comportamento de muitas mulheres. (HOBSBAWM, 1988).

### **Valiosos Conselhos às Mães**

1. Dê Leite a seu filho não negue
2. Com a alimentação do seio a criança chega facilmente a um ano, com a mamadeiras poucas vezes.
3. A chupeta suja facilita as doenças.
4. Não dê a seu filho purgante nem xaropes calmantes;
5. Não levante a criança pelo braço, mas sim pelo corpo;
6. Não deixem que beijem seu filho, pois podem contamina lo;
7. Proteja seu filho de moscas e mosquitos;
8. Não dê a seu filho restos de comida;
9. Doces de vendedores ambulantes por que geralmente foram contaminados por mosca;
10. Lave as mãos antes de pegar a criança, sobretudo antes de dar-lhe de comer;
11. Faça seu filho dormir em aposento ventilado, sem corrente de ar;
12. Ar puro e brinquedos adequados convirão sempre à crianças;
13. Lembre-se que a ama de leite, mamadeira e os leites artificiais são para as crianças sem mãe e sem amor;

14. Não existe ‘mau olhado’, mas sim doenças conseqüentes da falta de higiene e remédios de charlatões;
15. Morre cinco vezes mais crianças não alimentadas com o leite de peito do que as que o são. (JORNAL CRUZEIRO, 1941, p. 02).

A conotação maternal nos “Valiosos Conselhos” salienta o quanto o jornal preconizava o ideal de mãe, e como essa deveria agregar em suas atividades maternas vários afazeres domésticos, além de ser uma mãe de dedicação exclusiva aos filhos, como uma forma de preservar o futuro da nação.

Sob essa ótica de zelar pelo futuro da criança o discurso do jornal religioso frisava.  
Deus dá à mãe esta alma minha para que ela lhe dê o corpinho. Deus entrega à mãe esse pequeno ser, para que ela o coloque no mundo. Colocar não só, mas também encaminhar para Ele, até ao céu. Colaborar com Deus no povoamento do céu!  
Se tu mãe, não guiares o teu bebé pelos triços da lei divina, haverá um desequilíbrio social.<sup>9</sup>

Na verdade, as tarefas, que o discurso do jornal atribui à mulher, são formas de preservar o equilíbrio do lar com as atividades domésticas, como ainda a permanência do sexo feminino no espaço privado, além dos próprios redatores de tais discursos tornarem-se um mecanismo encontrado por parte do Cruzeiro de integrar sob certas condições e até certo ponto um controle (FOUCAULT, 2009), diante das figuras consideradas pelo jornal como de expressiva funcionalidade no corpo social.

O periódico formaliza, em sua escrita, a tentativa de assegurar a felicidade no interior familiar, o que partiria da fixação da mulher no espaço familiar. Na perspectiva do Cruzeiro, não poderia existir uma figura materna sem uma orientação religiosa e um acompanhamento do Estado na construção de uma “figura completa”, ou seja, uma mãe que entendesse que a ideia de ser mãe não estaria apenas no ato de parir, mas em algo mais complexo.

A ideia de ser mãe estaria voltada para que os sentimentos da figura feminina se afirmassem na ideia de que a obrigação da mulher seria viver para a família e abnegar-se de tudo para tal missão. Seus desejos não poderiam se processar para viver fora dos espaços do

---

<sup>9</sup> (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão. (Devido as condições do jornal não foi possível identificar a data, o ano, e número do exemplar)

lar. Segundo Mill (2006), a subordinação social que as mulheres se constituíram, pelo fato que os homens não seriam capazes de organizar a vida doméstica, como as mulheres realizam.

O Cruzeiro, no seu discurso, normatiza e padroniza uma mulher-padrão, um sexo feminino, para que a sociedade não ficasse a mercê dos distúrbios sociais, com uma família despadrão, um homem envolvido com o mundo dos vícios e filhos desviados. Nessa perspectiva, o periódico religioso afirma que Maria era o modelo de mulher que todas as mulheres deveriam seguir, uma “[...] mãe dedicada, amorosa e fidelíssima a seus deveres”. A dona de casa modelar. A mãe [...] cujas mãos calorosas testemunham o amor e desempenho da vontade divina (CRUZEIRO, Caxias, (Maranhão), Domingo, 2 de fevereiro de 1958. Num. 949, Ano XXIV). A sociedade dessa forma, com mulheres que afirmassem a identidade mariana na sua prática como mãe, não estaria próxima de um colapso social, pois os sujeitos estariam acalentados pelas mãos cuidadoras de mulheres-maria.

O discurso do jornal é enfático quanto a ocupação feminina no espaço social, que é o lar, porque o crescimento feminino nas atividades fora de casa estava sendo expressivo nas cidades, como Caxias, que, por exemplo, possuíam as têxteis como também outras atividades, no caso o setor de serviços que, por sua vez, realizava um consumo da mão de obra feminina.

Nestas prerrogativas, o Cruzeiro não concebia uma prática louvável, por parte de muitas mulheres, pois com uma jornada dupla, muitos lares seriam destroçados, uma vez que não teria a presença feminina constante no dia a dia do lar, trazendo a paz para que se concebesse uma verdadeira família sagrada.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O jornal religioso defendia, portanto, ideias da instituição religiosa. O casamento, nessa ótica, era a garantia desse estabelecimento da ordem religiosa na sociedade. Para isso, na primeira metade do século XX, houve uma intensa propaganda discursiva por parte da igreja e por outros meios informativos, proliferando a preservação do casamento como a concretização dos planos cristãos, principalmente das mulheres.

Ao percorremos as representações do sexo feminino, na sua própria história, deparamos-nos com imagens discursivas que se reportam a ideia de ser mulher entre dois polos, em uma eterna dicotomia. A ideia da frágil ou forte, da vítima ou da culpada, é repassada, assim, em temporalidades diversas, sendo que sempre tais construções discursivas têm o homem como compositor dessa representação.

O jornal o Cruzeiro, nesse aspecto, afirma que dessa forma ser mãe é estar entregue ao sacerdócio e às gratidões do pai eterno. Seria então um destino se entregar à maternidade, ao cuidar dos filhos, como também uma forma do sexo feminino receber valorização social, por praticar a maternidade com um amor maternal incondicional.

A formação da mulher, ou melhor, da identidade da mulher cristã, pregada nos artigos do Cruzeiro que salientavam com base nas virtudes da família sagrada e do modelo de mulher que Maria representou, seria um padrão para que a mulher caxiense pudesse seguir, pois tinha um modelo com virtudes práticas para se entender o papel feminino na família e na sociedade.

O discurso incitava a mulher a desejar ser mãe, a fazer com que nela desabrochasse a generosidade considerada a essência da alma feminina. Esse reforço de valorização da face feminina no lar como a mulher-mãe, imagem de Maria, estaria ligado a sua vida, a entrada do sexo feminino nos espaços públicos, pois nesses espaços a mulher estaria em contato com as múltiplas possibilidades da cidade, que poderiam fazê-la perder a sua identidade maternal.

O Cruzeiro, dessa forma, normatizava, em seus discursos, identidades, representações sobre como deviam ser um homem e uma mulher, na medida em que pudessem corresponder aos anseios de um espaço social, de um grupo social ativo e com expressiva representatividade no bojo das relações dos sujeitos, no caso, a Igreja Católica Caxiense.

## Referências

- ANTUNES, José. **Reminiscências do século XX**: em outros tempos de Caxias. Rio de Janeiro: s.n., 2001.
- BADINTER, Elizabeth. **Um Amor Conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres nos anos Dourados. In. **História das Mulheres no Brasil**.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais**. – Teresina: Edições Bagaço, 2005.
- CAES, André Luiz. **Da espiritualidade familiar ao espírito cívico**: a família nas estratégias de reestruturação da igreja (1890-1930). 1995 Dissertações (Mestrado) – UNICAMP, Campinas, 1995.
- DUARTE, Rosângela de Oliveira. **Da mulher para mulher**: vestígios da representação feminina na revista O Cruzeiro no início dos anos 50. (Monografia apresentada ao Departamento de História e Geografia) Caxias, CESC, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. 19ª ed. Editoras Loyola, São Paulo, 2009.
- FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista no Brasil. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero**. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

- HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Impérios**. Tradução Sienn Maria Campos e Yainnda Scidel de Toledo: Revisão Técnica Maria Celia Paoti – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LUZ, Madel T. **O lar e a maternidade**: Instituições políticas. In LUZ, Madel T. (Org.) O Lugar da Mulher: a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- LYPOVETSKY, Gills. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. Trad. Maria Lucia Machado – São Paulo: Companhias das Letras, 2000.
- NASCIMENTO, Kelly Cristina. **Entre a Mulher Ideal e a Mulher Moderna**: representações femininas na Imprensa Mineira - 1873-1932. (Dissertação). Belo Horizonte, UFMG, 2006.
- NUNES, Silva Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**: Um sobre a mulher, o masoquismo e feminilidade. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres e trabalhadoras**: presença feminina na constituição do sistema fabril. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo, Contexto: 2007.
- PODIAN, Vânia Aparecida. **A figura de Maria e as mulheres católicas carismáticas**. (Dissertação), UNICAMP, 2000.
- RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RIBAS, Ana Claudia. **A “Boa Imprensa” e a “Sagrada Família”**: Sexualidade, casamento e moral nos discursos da imprensa católica em Florianópolis, 1929/1959. (Dissertação), Santa Catarina, UDESC, 2009.
- SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, v.15, n.2 jul./dez.1990, traduzido da versão em francês. 1995.

## Fontes

- CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 12 de junho de 1955, p. 03
- CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Caxias, Maranhão, 28 de novembro de 1948. 03
- CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 12 de junho de 1955. Pág. 03.
- CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 12 de julho de 1955, p. 03
- CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Sábado, 25 de janeiro de 1941, p. 02.
- CRUZEIRO, Caxias, Maranhão. (Devido as condições do jornal não foi possível identificar a data, o ano,
- CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Domingo, 2 de fevereiro de 1958. Num. 949, Ano XXIV

*Recebido em: 08 de março de 2017.*

*Aprovado em: 20 de outubro de 2017.*